



Boletim de Notícias NS

**NSDAP/AO : PO Box 6414
Lincoln NE 68506 USA
www.nsdapao.org**

#1136

22.12.2024 (135)

A educação de um génio do mal

por Gerhard Lauck

Parte 2

* * * * *

O lado da família da minha mãe também tinha a sua quota-parte de histórias.

O teu bisavô tinha vindo primeiro para a América antes de trazer a tua bisavó. Ele levou-a a uma loja especial para provar uma nova sensação gastronómica.

Ele disse-lhe: Sopra, está quente!

Ela disse.

Toda a gente na loja se riu. Depois ela provou-o, sorriu e deu-lhe uma bofetada.

Era um gelado.

* * * * *

A avó chamou o avô, que estava sentado no alpendre da frente, para entrar para jantar. Mas ele não veio. Por isso, mandou-me ir buscá-lo. Vi-o ali sentado a olhar para três raparigas bonitas que passavam. Disse à avó. Ela saiu e puxou-o

pela orelha para dentro de casa... Acho que nunca se é demasiado velho para olhar.

* * * * *

Quando o teu pai mostrou o seu cachimbo novo e caro a um dos meus tios, este entendeu mal, pensou que era um presente e agradeceu-lhe profusamente. O teu pai não teve coragem de dizer nada. Anos mais tarde, depois de ele ter morrido, a família, que sabia o que se tinha passado, devolveu o cachimbo. Disseram que ele só o tinha fumado aos domingos.

Metade da população de uma pequena cidade do Wisconsin é parente da minha mãe. O meu bisavô teve seis filhos. Vi uma fotografia antiga deles e posso confirmar que sou parecido com o pai da minha mãe, Otto, que nasceu no Velho Mundo e recebeu o nome de Otto Bismarck.

A minha família é alemã de ambos os lados. Lauck e Hein do lado do meu pai. Preuss e Pahl do lado da minha mãe. A família Lauck remonta aos oficiais Hessianos, irmãos que serviram na Guerra da Revolução Americana. O próprio nome "Lauck" remonta ao antigo alto alemão, que se extinguiu por volta de 1050 d.C..

Muitos anos mais tarde, a minha mãe disse-me que dois familiares meus distantes tinham morrido no 11 de setembro. Eu não os conhecia, mas ela conhecia-os.

Vi fotografias de dois outros duplos para mim. Além disso, um outro duplo tinha ficado numa caserna comigo. Até era da minha altura! Por vezes, os outros hóspedes confundiam-nos. Pensei na ideia de o contratar como chamariz.

Apanhar animais

Os meus passatempos favoritos incluíam apanhar girinos, rãs e tartarugas, trepar às árvores e explorar os campos e florestas adjacentes. Os animais eram - e ainda são (!) - o meu grande amor.

Nos fins-de-semana, o meu pai e eu íamos apanhar tartarugas no "grau". Ou ele dormia uma sesta no carro enquanto eu apanhava rãs sozinho.

Num verão, só nós os dois percorremos centenas de quilómetros na *Grande Expedição de Caça às Cobras*. Embora desiludido por não ter apanhado nenhuma cascavel, fiquei satisfeito com o que consegui: uma bela cobra de nariz de porco, um par de corredores azuis e dezenas de cobras de capim.

Quando a minha mãe encontrou uma dessas cobras, uma pequena cobra bebé, na

sua cama, foram exiladas para o exterior. Felizmente, ela descobriu que o culpado era o meu pai. O seu ar diabólico e o meu olhar de horror ao ouvir a sua descoberta tornaram a solução do mistério "como é que ela foi lá parar" demasiado óbvia. Além disso, que rapaz no seu perfeito juízo arriscaria a perda de uma cobra em perfeitas condições através de uma proeza tão estúpida!

Quando finalmente retirámos o depósito de óleo de uma velha fornalha da cave (onde se encontrava debaixo do velho depósito de carvão), cortei-o ao meio no sentido do comprimento com um cinzel e uma marreta. Foi um processo demorado e ruidoso (!), mas acabei por ficar com um depósito de tartaruga de bom tamanho.

Em miúdo e mesmo em adolescente, adorava folhear guias de campo sobre animais. Até conseguia identificar muitas subespécies.

Não é de estranhar que a nossa família tenha tido uma grande variedade de animais de estimação ao longo dos anos. Incluía rãs, sapos, girinos, peixes, salamandras, tritões, pássaros, esquilos, coelhos, guaxinins, galinhas, gatos e cães.

Teria de sacrificar mais árvores para poder enumerar todas as espécies, subespécies e raças.

As nossas garagens têm sido o lar de gatos selvagens, raposas e corujas, para além de mais gatos do que algumas cidades aqui à volta têm pessoas.

Basta dizer que sempre gostei de animais.

Eu era uma criança militarista

Gostava de fazer desenhos de batalhas entre tanques e aviões. Instintivamente, escolhia insígnias nacionais que não constituíssem um "conflito de interesses". Não queria ofender nenhum parente. Mesmo que tivessem combatido do "lado errado".

As minhas batalhas com soldadinhos de plástico duravam horas. Por vezes, desenhava animais e, nesse caso, os animais eram sempre os protagonistas e os soldados humanos os antagonistas.

Construí um forte formidável com um túnel subterrâneo. O túnel foi uma grande ajuda para me sujar. Afinal de contas, qualquer rapazinho que se preze sabe que não se pode divertir se não se sujar bem.

O treino de combate incluía o uso de espadas e escudos de madeira feitos à mão. Era frequente enfrentar três miúdos ao mesmo tempo e ganhar.

Também me tornei um *militarista* em ascensão!

Um livro infantil sobre batalhas famosas da história mundial causou-me uma forte impressão. A história militar tornou-se um dos meus grandes interesses, para além dos animais.

O meu pai comprou-me uma versão para criança de um uniforme do Exército dos EUA. Os meus pais inscreveram o meu nome e o meu "posto" de "Capitão". Quando o uniforme se gastou, recebi um substituto. Nessa altura, já era um "General". Naturalmente, gostava de o usar sempre que "brincava ao exército".

"O inimigo" tinha-me apelidado de "General Doolittle". Aparentemente, não conheciam a sua história e simplesmente acharam o nome divertido.

Estes exércitos não eram constituídos por "amigos" que se dividiam simplesmente em "equipas" para "jogar um jogo". Nós víamo-nos como "soldados" que estavam a "travar uma guerra" contra o "inimigo" num território disputado.

O nosso combate consistia em bombardear o exército adversário com torrões de terra. Esta guerra limitada resultou num pouco de dor, mas sem ferimentos graves.

Atirar pedras, por outro lado, era mal visto. Uma espécie de violação da Convenção de Genebra.

Nunca tivemos qualquer intenção ou desejo de infligir ferimentos graves ao "inimigo"! Estes "exércitos" não eram nem "bandos" nem "equipas". Eram algo intermédio.

Sinto muito mais do que um simples jogo nestes exércitos de crianças, nomeadamente ramificações sociológicas, talvez mesmo antropológicas.

Como veterano de muitas batalhas, eu tinha desenvolvido algum grau de habilidade para me esquivar destes projecteis. Infelizmente, era um mau atirador.

A batalha geralmente terminava com uma vitória gloriosa. Eu atacava directamente o inimigo, suportando a dor de ser atingido por uma salva completa. Eles fugiam aterrorizados.

Uma campanha em particular é um bom exemplo da nossa mentalidade.

Um dia, descobrimos uma estranha jangada de madeira a flutuar num pequeno lago, na "terra de ninguém" que muitas vezes servia de campo de batalha. Obviamente, uma incursão inimiga! Empilhámos pedras sobre ela para a afundar. Depois partimos garrafas nas rochas para que os vidros partidos dificultassem a recuperação da embarcação pelo inimigo.

Dias depois, descobrimos uma patrulha inimiga a tentar salvá-lo. Atacámos e eles fugiram. Exceto um pobre diabo. Tinha trepado a uma árvore que pendia sobre o lago. Agora, agarrava-se a um ramo com uma mão e com a outra lutava com uma espada contra um dos meus homens. Fiquei impressionado com a bravura daquele soldado inimigo.

O que é que devemos fazer? A situação parecia perigosa. Ninguém queria que alguém de ambos os lados ficasse gravemente ferido. Mas pedir tréguas, mesmo no meio de uma batalha acesa, não tinha precedentes.

Ordenei aos meus homens que recuassem. O comandante inimigo percebeu o que eu estava a fazer e porquê, por isso não tentou tirar partido do nosso cavalheirismo. Em vez disso, gritou ao seu soldado cortado para que atravessasse a brecha que eu tinha intencionalmente deixado formar-se. Ele compreendeu e fê-lo.

Passado algum tempo, encontrei por acaso esse antigo e corajoso inimigo em circunstâncias pacíficas. Tornámo-nos amigos.

A primeira vez que me levou a casa dele para brincar, parou em frente à entrada, virou-se para mim e disse: "Não digas à minha mãe que és protestante. Ela diz que todos os protestantes são porcos e não me deixa brincar contigo". Alguns anos mais tarde, fiquei a saber que o grupo religioso da mãe dele, católico, era considerado uma "minoría" a nível nacional. Naquela zona, não o era.

O meu pai levava os seus filhos a acampar, pescar e fazer canoagem. Quando tínhamos idade suficiente, também nos ensinava a manusear armas de fogo e levava-nos a caçar.

Quando ele começou a ensinar-nos a nós, rapazes, como usar uma arma, a minha mãe ficou muito preocupada. O pai dela disse-lhe: *Não te preocupes! Ele vai ensinar-lhes o caminho certo!*

O meu treino foi o seguinte.

No *primeiro ano* de caça, levei uma caçadeira *sem ferrolho*. Só para aprender a ter cuidado ao atravessar vedações e coisas do género.

No *segundo ano*, recebi o parafuso. Mas não tinha cartuchos! De cada vez que queria disparar, tinha de pedir uma bala ao meu pai.

No *terceiro ano*, tinha tanto parafusos como cartuchos.

Claro que tanto a minha caçadeira como a minha carabina eram armas de tiro único. Custaram 20 e 30 dólares, respetivamente. Novas, não usadas.

Mais tarde trocámos de armas. Quando ele mandou alongar a coronha, não teve em conta o vestuário de inverno. Ele também preferiu o peso mais leve da minha arma de tiro simples. Eu gostava do facto de o cano duplo ter menos recuo.

Muitos anos depois, um amigo, ex-polícia, pediu-me para ver o meu novo revólver. Tirei o revólver da gaveta, abri o cilindro, tirei as balas, voltei a colocá-las na gaveta, virei o revólver para que não apontasse para ninguém e, segurando-o na palma da mão com o cilindro ainda aberto, ofereci-lho. - Ele ficou impressionado.

Aqui fica uma história de precaução: Apesar de todas as suas medidas de segurança, o meu pai quase rebentou com a cabeça uma vez, quando a caçadeira disparou e fez um buraco no tejadilho do carro! Ele recordava-me este facto como um lembrete de como as armas são perigosas. E como é importante ter sempre muito, muito, muito cuidado!

Os "homens" viajavam repetidamente até ao Canadá em viagens de canoa de três semanas. Estávamos tão longe que não havia estradas ou outros sinais de civili-

zação. Tínhamos de remar a canoa para atravessar um lago, fazer uma "portagem" por um caminho de terra até ao lago seguinte e repetir o procedimento.

As histórias que se seguem provêm todas destas viagens de canoa pelo Canadá.

Numa viagem, antes de eu começar a participar, um dos meus irmãos apanhou uma ferida no dedo do pé. A tripulação, que incluía outros amigos adultos da família, não tinha tempo para o levar de volta à civilização. Por isso, embebedaram-no com uísque, esterilizaram uma baioneta no fogo, puseram três homens adultos sentados no seu peito... e depois o meu pai cortou-lhe parte do dedo do pé com essa baioneta.

O meu pai era o médico oficial. Dizia que o seu próprio pai seguia sempre os mesmos dois passos quando tratava de um ferimento ligeiro. Primeiro, perguntava o que tinha acontecido. Segundo, punha tabaco de mascar na ferida. Com uma formação destas, admira-me que ele não se tenha tornado um cirurgião famoso em vez de um engenheiro!

Juram que, apesar disso, ele conseguiu de alguma forma levantar o seu corpo a quinze centímetros do chão. E que pessoas a vinte quilómetros de distância, do outro lado do lago, afirmaram mais tarde ter ouvido o seu grito.

Ainda bem que não fui nesta viagem em particular. Fui considerado demasiado jovem para ir nas primeiras viagens.

* * * * *

Descobrimos uma cabana de madeira abandonada, com um fogão a lenha de ferro fundido e uma casa de banho. Este tornou-se o nosso acampamento base.

O meu pai tinha feito um acordo com os seus filhos: *Compro tudo o que quiserem comer, mas VOCÊS é que têm de o carregar!* - Demos cabo das costas, mas comemos como reis.

No portage, o meu irmão carregava uma canoa e uma mochila às costas. Ele achava que era um tipo bastante duro.

Depois ouviu passos que se aproximavam rapidamente pela retaguarda.

O que viu a seguir espantou-o e impressionou-o.

Alguém passou por ele a disparar. A correr. Levando uma canoa e duas mochilas: uma no peito e outra nas costas...

Era uma mulher!

Ao falar com ela no final da travessia, ficou a saber que era bailarina profissional.

Tive uma experiência semelhante anos mais tarde. Eu era um jovem a fazer trabalhos pesados. O meu antecessor tinha 65 anos de idade.

* * * * *

Pára de te queixar dos malditos mosquitos! Não sinto nenhum a picar-me. Só estás a inventar, porque já não queres carregar a canoa!

Foi o que o meu pai, irritado, disse a um dos meus irmãos.

Mas quando chegou a sua vez de carregar a canoa, ficou a saber a verdade.

Os mosquitos tinham-se aglomerado debaixo da canoa. Atacam sem piedade o pobre diabo que a transporta. Ele tinha as mãos ocupadas e não conseguia dar-lhes uma bofetada.

* * * * *

Quando era ainda um rapaz, pensei em escrever um diário. Mas decidi não o fazer. Achei que as coisas mais interessantes da minha vida *já* tinham acontecido.

Isso não quer dizer que eu não tenha pensado no futuro. Fiz um acordo com o meu pai. Quando eu tivesse idade suficiente, mudar-nos-íamos para a selva canadiana e seríamos caçadores. Sendo um engenheiro, ele dir-me-ia como construir a nossa cabana de madeira. Eu pagava-lhe com uísque e charutos.

* * * * *

Um dia, o governo recorreu ao domínio eminente para comprar barato alguns dos nossos terrenos para construir uma via rápida. Quando os bulldozers começaram a devastar o nosso pomar, peguei no meu arco e flecha e corri para a porta. Tinha toda a intenção de defender a minha casa! Os meus pais impediram-me. Tiveram de me fechar no meu quarto.

Por fim, tínhamos uma via rápida a passar pelo nosso quintal. Depois disso, as coisas não foram mais as mesmas. Na altura, não pensei nisso, mas tenho a certeza de que isso reduziu muito o valor de revenda da nossa casa.

Depois o meu pai mudou de carreira e mudámo-nos.

Pré-adolescentes e adolescentes

Eu cresci (o resto do caminho) no oeste. Foi aqui que passei metade da minha vida.

Podia acariciar um cavalo no rancho do vizinho simplesmente caminhando até ao limite do meu quintal e passando por cima da vedação. Como todos os jovens aspirantes a cowboys, passava muito tempo ao ar livre. Mas também gostava de

ler livros.

A minha família era grande. Mas o número combinado de diplomas dos seus membros era ainda maior. Ainda na escola primária, o meu pai começou a ensinar-me alguns conceitos básicos de matemática.

O meu pai confundia muitas vezes os seus filhos. Chamava-os pelo nome errado. Isso irritava sempre a minha mãe. No entanto, ele dizia que a culpa era toda dela. Afinal, ela tinha insistido em dar-lhes nomes. Ele queria atribuir-lhes apenas números. Como o famoso detetive Charlie Chan.

Além disso, na minha família, os rapazes eram muitas vezes baptizados com nomes de tios. Quando o meu avô foi enterrado, o meu pai cutucou o irmão e apontou para uma lápide próxima, mas muito antiga. Nela estavam inscritos os mesmos nomes dos três irmãos! O nome dele estava no cimo. A partir daí, ele dizia-lhes: *Lembrem-se, eu sou o homem do topo da lápide!*

Mas não fiquem com a impressão errada! A minha família era muito "folclórica". Se conhecessem o meu pai, mais depressa o considerariam um *rancheiro* do que um *professor universitário*. Ele dava-se tão bem com o guarda como com os outros professores. Talvez até melhor!

Muitos anos mais tarde, FW comprou uma espingarda a este guardião. Ele próprio tinha feito a espingarda e até lhe tinha dado um nome: "Old Meat On The Table". O meu pai foi a uma carreira de tiro para testar a sua precisão. Disparou três balas para um alvo a pouco mais de 100 metros de distância. Estavam agrupados tão perto uns dos outros que era possível *tapar os três buracos de bala ao mesmo tempo com uma moeda!* - Naturalmente, esperou dez minutos entre os disparos para dar tempo ao cano para arrefecer.

Aprendi xadrez ainda em miúdo. Nem sequer tentava fazer xeque-mate ao adversário até ter feito duas coisas. Primeiro, tirar cada uma das suas peças. Segundo, usar os peões que me restavam para recuperar a minha rainha e os dois castelos. Obviamente, este exagero era simultaneamente minucioso e ineficaz.

Um dos meus irmãos surpreendeu toda a gente ao derrotar um jogador de xadrez muito hábil em cinco minutos. Usou o seu ataque favorito de rainha, rápido como um relâmpago. O adversário estava demasiado ocupado a executar um plano complicado para reparar.

No liceu, joguei muito xadrez. Quase sempre com estudantes e professores universitários. Geralmente, ganhava dois jogos em três. Ganhei ao meu pai nos últimos três jogos que jogámos. Depois perdi o interesse pelo xadrez. Era demasiado estático. Os jogadores realmente bons tinham de memorizar jogadas antigas dos livros de xadrez. Isso não era para mim.

O meu pai riu-se por último. Trouxe um génio do xadrez para me dar uma tarefa. Na altura, eu também estava doente como um cão, com uma infeção no fígado.

Durante meses, vivi à base de chá, torradas sem manteiga e ovos. Demorei meses a recuperar totalmente. Lá se vai uma *luta justa!*

Depois, explicou-me que há três níveis de jogadores de xadrez.

O jogador de *primeiro* nível, tal como ele, *não* tem *estratégia*.

O jogador de *segundo* nível, como eu, tem *uma estratégia*.

O jogador de *terceiro* nível, ou seja, o génio do xadrez, tem *múltiplas estratégias*. Ele reavalia toda a situação após cada jogada. Depois, selecciona a melhor estratégia. (Se um jogador de nível dois tentar fazer isto, o resultado habitual é o caos).

Durante algum tempo, a família ainda jogou às cartas. Mas os habitantes locais não conheciam os jogos do Velho Mundo que nós conhecíamos, por isso não tínhamos mais ninguém com quem jogar.

O meu pai inscreveu-nos a todos numa aula de dança. Aprendemos o foxtrot e a valsa. Isso não era útil para nós, jovens. (Já tínhamos aprendido a dança do quadrado na escola primária).

A adolescência não foi provavelmente mais difícil nem mais fácil para mim do que para qualquer outra pessoa. Mas foi diferente. Não houve "rebelião adolescente". Os meus laços familiares e étnicos tornaram-me imune à "pressão dos pares". Eu era um estranho. Os meus padrões eram simplesmente diferentes.

O meu pai comentou comigo uma vez: *Nem o teu avô nem eu tínhamos uma opinião muito positiva sobre a nossa própria geração [respectiva]. Tu és igual.* - Não se tratava de desprezo nem de arrogância... Anos mais tarde, ouvi um aristocrata russo exilado dizer praticamente a mesma coisa.

Em vez de dizerem: *Se os outros miúdos se atirassem de um penhasco, tu farias a mesma coisa!*, os meus pais diziam: *Um bom alemão não se atira de um penhasco!* - Isto foi muito eficaz!

Eu já tinha aprendido a não mostrar fraqueza ou dor. Isso só encorajava os meus inimigos. Ainda no liceu, dei um passo em frente. Realizei duas experiências de psicologia.

Na primeira experiência, mantenho um adversário no limite entre dar-me um murro e recuar. Mantive este equilíbrio alternando entre comentários provocadores e reconciliatórios.

Na segunda experiência, fingi que achava que a troça era apenas uma provocação amigável. No início, isto confundiu o adversário. Depois, agravou-o quando ele tentou explicar a sua verdadeira intenção negativa. Finalmente, ele percebeu que eu estava a brincar com ele. Em vez de ele me chatear, eu estava a chatear o dele. Isso deixou-o zangado. Eu tinha devolvido o ataque ao agressor sem empregar força ou linguagem negativa. Isso agradou-me por razões práticas, éticas e até estéticas.

Gostava da minha aula de jornalismo no liceu. Primeiro, a professora era bonita. Segundo, eu gostava de escrever.

Uma vez convidei uma professora estudante para dançar. Não se tratava de sexo perverso. Simplesmente, eu relacionava-me mais com pessoas da idade dela (e mais velhas) do que com as da minha própria faixa etária. Além disso, ela era linda e as suas pernas ficavam ótimas numa minissaia.

Anos mais tarde, conheci uma jovem que tinha feito algo semelhante. Só que, no caso *dela*, era uma coisa de sexo perverso. Acho que isto só mostra que as raparigas amadurecem mais depressa do que os rapazes. E são mais hábeis a conseguir o que querem.

Descobri um inquérito profissional destinado a avaliar opiniões políticas e sociais. Toda a turma o fez e eu passei imenso tempo a tabular e a analisar.

A parte interessante deste inquérito é que não era unidimensional, ou seja, *uma linha*. Era *bidimensional*, ou seja, um *plano*. *Havia um eixo x" e um eixo y!"* As coordenadas das ideologias tradicionais eram apresentadas. Os conservadores e os comunistas estavam afastados no eixo "x", mas próximos no eixo "y". Os liberais e os fascistas estavam muito afastados no eixo "y", mas muito próximos no eixo "x".

Isto ilustra as semelhanças, por vezes curiosas, entre ideologias radicalmente diferentes. (As minhas próprias coordenadas estavam muito longe de qualquer outra).

Para além disso, observei mais tarde, numa aula de ética na faculdade, que duas pessoas podem dar a mesma resposta por duas razões totalmente diferentes. Juntá-las na mesma categoria seria extremamente incorreto.

Eis um exemplo.

O meu professor de ética da faculdade contou o seu próprio dilema ético à turma.

Nos últimos dias da Segunda Guerra Mundial, eu era um jovem tenente desajeitado. O meu capacete era demasiado grande para a minha cabeça. Foi-me dada a missão de levar um jipe até às linhas alemãs e negociar a sua rendição. Levei alguns homens comigo.

Quando o meu jipe chegou às linhas alemãs com uma bandeira branca de tréguas, os homens das SS fizeram-me uma saudação inteligente. Um pouco mais à frente, encontrámos camiões conduzidos por soldados alemães. Na parte de trás dos camiões, havia o que pareciam ser prisioneiros de campos de concentração.

Logo depois de nos termos perdido de vista, ouvimos tiros de metralhadora. Pensámos que provavelmente eram os alemães a matar os prisioneiros. Debate-

mos se devíamos ou não dar a volta e tentar ajudá-los.

Decidi não o fazer. Achei que os poucos de nós no jipe provavelmente não os conseguiriam salvar de qualquer forma. Mas se a nossa missão de organizar a rendição não fosse cumprida, os combates poderiam recomeçar e muito mais pessoas seriam mortas.

Será que fiz a coisa certa?

Quando o encontrei no corredor depois da aula, confortei-o: *Acho que fizeste o que estava certo. Teria sido uma pena, se mais homens das SS se tivessem magoado!*

Durante um momento, o seu rosto ficou perplexo. Depois sorriu. Talvez se tenha apercebido de quem lhe tinha dito aquilo.

O liceu aborrecia-me. Tentava sempre acabar os trabalhos de casa na sala de estudo. Dessa forma, tinha mais tempo para ler livros de nível universitário à noite. Principalmente filosofia, história e alguma política. O quadro de honra era evidente.

Graças aos cursos de verão, pude saltar o meu último ano.

Terminei um curso de um semestre em três dias, fiz o teste no quarto dia e obtive um "A".

Quando ainda estava no liceu, assisti a um curso universitário sobre como jogar na bolsa de valores. Também o fiz. No primeiro ano, prestei atenção e ganhei dinheiro. No segundo ano, dei ouvidos ao meu corretor e perdi o dinheiro. Pelo menos consegui impressionar as raparigas.

Passei um verão com o meu pai, quando ele trabalhava para a NASA no vaivém espacial. Ficámos num complexo de apartamentos mesmo ao lado da universidade. Eu gostava de ficar à volta da piscina. Jogava xadrez e observava as jovens e bonitas raparigas vestidas de biquíni. Por vezes, elas jogavam xadrez comigo. Mas faziam "batota". Ou seja, inclinavam-se sobre o tabuleiro para tentar distrair-me com o seu decote. Isto era *meio bem* sucedido. Sim, eu olhava. Não, não os deixava ganhar.

A nomeação para uma das Academias Militares dos EUA foi uma pena para mim. Mas, francamente, suspeito que se deveu em grande parte a ligações familiares e à impopularidade da Guerra do Vietname. Os meus pais tratavam-se pelo primeiro nome de congressistas, senadores e governadores, que ocasionalmente passavam por nossa casa.

Quando entrei no seu gabinete, o médico militar que ia fazer-me um exame relacionado com a minha nomeação para uma Academia Militar dos Estados Unidos olhou para mim e disse: *É de uma família militar, não é?* - Eu não sabia bem co-

mo responder. Por um lado, sim, havia muitos soldados na minha família. Por outro lado, a maior parte deles estavam há algumas gerações atrás... Além disso, a minha família é muito "democrática", no sentido em que muitas vezes temos parentes que lutam de *ambos os lados numa guerra!*

Embora tivesse vários interesses, nada me agradava como *carreira*. Frequentei a universidade pública durante dois anos, para ser considerado "culto" segundo os padrões europeus. Mas, em vez de me licenciar, apenas frequentei os cursos de que gostava ou que considerava úteis. E isso não incluía negócios.

Tinha créditos suficientes no meu curso de línguas estrangeiras para obter um bacharelato, mas teria de fazer mais dois anos de "cursos de nada" para o obter. Não vi qualquer utilidade nisso. Os cursos de que gostava incluíam filosofia e escrita criativa.

Claro que a melhor parte da faculdade era curtir com a minha namorada.

Naqueles tempos, era possível, e não era raro, que um estudante trabalhasse para se formar na universidade *sem um empréstimo* ou uma bolsa! Foi o que eu fiz.

Tenho pena dos alunos de hoje!



NS KAMPFRUF
KAMPFSCHWARM DER NATIONALSOZIALISTISCHEN DEUTSCHEN ARBEITERPARTEI AUSLANDS- UND AUFGABORGANISATION

Der Kampf geht weiter !

Seit langem haben sich die Kapitalisten der Weltmacht am 8. Mai 1945 in der nationalsozialistischen Bewegung stärker als je zuvor in der Nachkriegszeit. Und zwar nicht nur in Deutschland, sondern auf globalem Niveau!

„Abstrakte von Massenmord, Verfolgung, Vertreibung und Verdrängung haben nicht ausgereicht, die Leute der ganzen Welt gegen halb gelähmten Führer Adolf Hitler zu versetzen.“

Alle Nationalsozialisten und andere arbeitsfähige Volk- und Kampfgemeinschaften sollten sich sofort an den Kampf an der Erhaltung unserer weißen Völker ansetzen.

Der Kampf ist zwar stärker geworden, aber die Gefahr des biologischen Völkermord ist heute noch viel größer als in der Vergangenheit.

Der unermessliche Gegenstand ist also nicht, den Völkermord zu gegen alle weißen Völker (Völkermord) zu begehen, keine Mord und Ermordung, Chelierung und Kampfermordung.

„Es „geht“ oder „bleibt“, es ist ein Völkermord oder ein „Rassenkampf“, es ist Propagandaarbeit, bewahrt oder auf einen Völkermord ansetzen, der jede Nationalsozialisten ist seine Pflicht!“

Hilf Hitler!
Gottwald Lank




Boletim de Noticias NS
www.nsdapao.org
#1005 19.06.2022 (132)
NSDAP/AO: PO Box 6414 - Lincoln NE 68506 - USA

Relatório Frontal
Entrevista com Molly
Terceira parte

NSK: Os seus projectos actuais são obviamente filosóficos e relacionados com a arte.

Por favor, descreva a sua opinião sobre o impacto de tais tópicos na política.

Molly: Bem, ainda tenho de actualizar a galeria de fotografias, mas sobretudo tenho-me concentrado em Adolf Hitler e no Edoardo da Humanidade (www.mountingtheascient.com/ truth him). Estou agora com 21 páginas, e tenho muito mais para fazer. Estudiar a II Guerra Mundial é um campo minado absoluto de informação. Procuramos informação sobre uma coisa e encontramos mais duas coisas para pesquisar. Sente-se um pouco como se fosse um arqueólogo, desenterrando o passado.




the NEW ORDER

Number 176 (NSP) Founded 1978 April 26, 2022 (132)

The Fight Goes On !

Seventy years after the capitulation of the Wehrmacht on May 8, 1945, the greater National Socialist movement is stronger than ever not only in Germany, but throughout Europe.

Decades of mass murder, expulsion, persecution, and defilement have not sufficed to destroy the seed of the brilliant idea of our much loved Führer Adolf Hitler.

All National Socialists and other racially-aware anonymous and racial kinship fight side by side for the preservation of our White folk.

The movement has indeed become stronger, but the danger of biological folk death is also much greater today than in the past.

The desperate enemy is in the process of committing genocide against all White folk. His means are non-White immigration, subtle domination, and neo-racism.

Whether "legal" or "illegal", whether armed with propaganda material or in a battlefield of a different kind, every National Socialist must do his duty!

Hilf Hitler!
Gottwald Lank



O NSDAP/AO é o maior fornecedor Mundo da propaganda nacional-socialista!

Revistas impressas e online em vários idiomas
Centenas de livros em quase uma dúzia de idiomas
Mais de 100 sites em dezenas de idiomas



BOOKS - Translated from the Third Reich Originals!
www.third-reich-books.com



NSDAP/AO
Fight Back!



nsdapao.org
Contact us to find out how YOU can help!